

Identidades indígenas urbanas: autonarrativas contemporâneas midiáticas no Instagram

Urban indigenous identities: contemporary autonarratives mediated on Instagram

Identidades indígenas urbanas: autonarrativas contemporâneas mediadas em Instagram

Rafael Sbeghen HOFF¹

Resumo

O trabalho procura investigar como os jovens indígenas, vivendo em contextos urbanos, se utilizam dos perfis no Instagram para ressignificarem suas identidades por meio de narrativas de si, predominantemente imagéticas, em um contexto de cultura e comunicação digital. A pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa em Processos Imagéticos e à pesquisa Imagens Amazônicas, coordenados pelo docente orientador desta. São tomados como objeto empírico os perfis de quatro jovens representantes de três etnias indígenas brasileiras, residentes em regiões diferentes do país. São utilizados como procedimento metodológico a análise de conteúdo e análise do discurso a partir dos rastros digitais desses jovens na plataforma. Ao final, o texto identifica as manifestações artísticas e a formação de redes de colaboração nas mídias digitais como expressões de uma resistência, um clamor ao reconhecimento e um combate à invisibilidade das condições desses jovens que se veem atualizando os processos de identificação no encontro com a cultura Ocidental capitalista e branca.

Palavras-chave: Indígena; Jovens; Autonarrativas; Mídia; Instagram.

Abstract

The article seeks to investigate how indigenous young people living in urban contexts use Instagram profiles to give new meaning to their identities through self-narratives, predominantly imagery, in a context of digital culture and communication. The research is linked to the Research Group on Imaging Processes and to the Amazonian Images research, coordinated by its supervisory professor. As an empirical object, we

¹ Doutor em Ciências da Comunicação e Informação. Professor adjunto do curso de Jornalismo da UFAM, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRR – rafael.hoff@yahoo.com.br – ORCID 0000-0003-4745-5689.



have selected profiles of four young people representing three Brazilian indigenous ethnic groups, residing in different regions of the country. Content analysis and discourse analysis from the digital tracks of these young people on the platform are used as a methodological procedure. At the end, the text identifies the artistic manifestations and the formation of collaborative networks in digital media as expressions of resistance, a clamor for recognition and a fight against the invisibility of the conditions of these young people who see themselves updating the identification processes in the encounter with the Western capitalist and white culture.

Keywords: Indigenous; Young; Self-narratives; Media; Instagram.

Resumen

El trabajo busca investigar cómo los jóvenes indígenas que viven en contextos urbanos utilizan los perfiles de Instagram para dar un nuevo significado a sus identidades a través de auto-narrativas, predominantemente imágenes, en un contexto de cultura y comunicación digital. La investigación está vinculada al Grupo de Investigación en Procesos de Imagen y a la investigación Imágenes Amazónicas, coordinada por su profesor supervisor. Como objeto empírico, se toman los perfiles de cuatro jóvenes representantes de tres etnias indígenas brasileñas, residentes en diferentes regiones del país. El análisis de contenido y el análisis del discurso de las pistas digitales de estos jóvenes en la plataforma se utilizan como procedimiento metodológico. Al final, el texto identifica las manifestaciones artísticas y la formación de redes colaborativas en los medios digitales como expresiones de resistencia, un clamor por el reconocimiento y una lucha contra la invisibilidad de las condiciones de estos jóvenes que se ven actualizando los procesos de identificación en el encuentro con la cultura blanca y capitalista occidental.

Palabras clave: Indígena; Joven; Auto-narrativas; Medios de Comunicación; Instagram.

1 Introdução

Para a compreensão do tema *identidades indígenas urbanas: autonarrativas contemporâneas midiáticas* é preciso situar a pesquisa sobre o contexto que os povos indígenas brasileiros vivem na contemporaneidade. No território brasileiro, a cultura sempre apresentou sua dinamicidade e adaptação em diferentes âmbitos, uma vez que ela é dinâmica, múltipla, e num mundo globalizado onde as fronteiras se tornam “borradas” pela amplitude que os meios de comunicação dão às várias vozes étnicas que compõem o mosaico social e geográfico brasileiro, o processo de midiaticização dessas manifestações culturais contribui para essa diversidade.

Quando nos referimos à cultura indígena, as regras também se aplicam. É notável que, apesar do acesso aos meios físicos e digitais de comunicação ter sido ampliado nos últimos anos, permitindo à população acessar às informações, o



pensamento de etnocídio e colonialismo se mantém presentes quando tratamos de compreender a questão dos povos originários no contexto atual. O imaginário social é alimentado por discursos midiáticos e midiaticizados que se apoiam na ideia de povos com características romantizadas e exóticas, estagnadas no tempo e que afirmam seu apagamento étnico e populacional. Aqui, compartilhamos do pensamento e leitura de Holmer (2005):

O homem encontra-se saturado de informações, segundo Baudrillard (1981) e, dentre estas, as imagens, são as que mais povoam o cotidiano. Essa profusão de imagens que caracteriza a pós-modernidade é, para Maffesoli (1995), o reflexo desse momento de mudança pelo qual o mundo está passando. Muito tempo contida, pelo pensamento racionalista da modernidade, a imagem explode em todas as formas. Para Flusser (1988) as imagens não são apenas mediações entre o homem e o mundo. Elas apresentam-se como biombos. Se interpõem entre o homem e o mundo. Ao filtrar a relação do homem com o mundo essas imagens passam a ser a própria realidade. Como o homem não sabe interpretá-las, passa a viver o imaginário construído por essas imagens. (HOLMER, 2005, p. 2)

A realidade se mostra bem mais complexa e dinâmica do que os estereótipos (reducionistas e simplificadores) conseguem dar conta. Mais do que uma ciência idealista ou normativa, o que move nesse artigo é uma proposta de registro das dinâmicas sociais e culturais indígenas, em específico dos jovens residentes em áreas urbanas, partindo da perspectiva das singularidades em sistemas complexos (MORIN, 1997, 2000, 2005). De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo de 2010², no território brasileiro 896.917 indivíduos se autodeclararam indígenas, contabilizando 305 etnias diferentes em toda a extensão do país. Em sua dimensão continental, o Brasil abriga uma variedade étnica originária que está em constante processo de adaptação e luta por visibilidade e respeito. A fim de assegurar os direitos indígenas no país, em dezembro de 1973, foi criado o *Estatuto do Índio*, que consiste em conjunto de leis que visam a proteção dos direitos civis e políticos aos indígenas, como por exemplo, garantir a permanência em suas terras (bem como, a demarcação delas), saúde, educação e respeito às tradições. Para promover e proteger esses direitos da população indígena (antes mesmo da promulgação da lei), em 1967 foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Apesar da criação de leis e instituições que visam prezar pela segurança dos direitos dos

² Conforme documento do IBGE disponível em https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf. Acesso em 21 de março de 2022.



indígenas, as populações estão longe de ter pleno acesso a estes, o que torna sua existência uma luta diária contra a invisibilização e o preconceito.

Na luta por visibilidade dos povos indígenas, tanto aqueles que são aldeados quanto os que estão inseridos em um contexto urbano procuram galgar cada vez mais espaço em organizações digitais midiáticas, meio esse que impulsiona a circulação de narrativas sobre suas vivências e desafios. Essas narrativas constituem uma forma de compartilhar informação em uma perspectiva pessoal, a fim de ter sua história contada por si, gerando uma espécie de empoderamento pela descentralização do poder enunciativo e uma forma de adaptação (tecnológica, cultural, comunicacional) da tradição de contar histórias, antes predominantemente oralizadas, agora em meios digitais.

As imagens e textos publicados pelos jovens no Instagram, ainda que não sejam diretamente autores das fotografias, são selecionados e eventualmente editados para compor essas autonarrativas publicadas na plataforma digital. Essa relação de curadoria, performance diante da câmera, manuseio da plataforma e seus recursos, bem como da construção textual que ancora os sentidos e significados acionados pelas imagens constitui o objeto teórico e empírico aqui estudado.

Para dar conta dos elementos étnicos e culturais, bem como as disputas por visibilidade, legitimidade e direitos dos povos originários, propomos um diálogo entre os estudos de Boaventura Sousa Santos (2010, 2014, 2018a, 2018b) com outros teóricos³ e, principalmente, com a análise de conteúdo e do discurso das autonarrativas dos próprios jovens a respeito de suas realidades, midiáticas através de canais (perfis) no Instagram. Aqui, destacamos a proposição conceitual de mediação: “A mediação em curso pode ser entendida (e investigada) como o desenvolvimento de uma processualidade interacional ampla, em vias de suplantar a cultura escrita enquanto principal referência para as interações sociais” (BRAGA, 2010, p. 76 apud CARDOSO FILHO, 2012, p. 173).

Esse artigo relaciona os estudos de identidade e autonarrativas no contexto mediado das interações sociais por meio de plataformas de mídias sociais digitais. Outro elemento importante para a constituição do cenário comunicacional mediado tomado como objeto empírico desta pesquisa repousa na crise sócio-político-cultural

³ Citamos, por exemplo, os textos de Monteiro (2006) e Rezende (2014), presentes no referencial teórico deste artigo.



enfrentada pelos povos indígenas desde a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018. O governo federal tem se mostrado conivente com a exploração e apropriação de terras indígenas e seus recursos naturais, indiferente ao apelo das etnias que por direito são responsáveis pelas terras, como atestam diversas matérias⁴ jornalísticas.

O pesquisador Boaventura de Sousa Santos (2018a) aponta:

Na América Latina os camponeses estão a viver uma nova dimensão da crise causada pelo novo interesse do capitalismo global na compra de terra. Trata-se da aquisição massiva de terra por parte de empresas multinacionais, agentes financeiros e mesmo Estados estrangeiros que fazem tábua rasa dos direitos ancestrais dos camponeses e os expulsam do seu mundo rural. Por sua vez, os povos indígenas da América Latina têm contribuído decisivamente nas duas últimas décadas para dar visibilidade à dimensão civilizacional da crise, ou seja, para a concepção da crise global do capitalismo, não apenas como crise de um modo de produção, mas sobretudo como crise de um modo de vida, de convivência e de relação com a natureza. (SANTOS, 2018a, p. 678)

É nessa perspectiva que o estudo procura identificar as manifestações e autonarrativas que manifestam a identidade indígena, midiaticizada, dos jovens no contexto urbano. Nossa pergunta motriz consiste em: “Como se dão as narrativas identitárias de jovens indígenas em contexto urbano no Instagram? ”. A partir deste problema de pesquisa, partimos para o recorte sobre o objeto empírico e, no encontro com ele, permitimos emergir a necessidade de ferramentas e procedimentos metodológicos que auxiliaram na construção de respostas possíveis.

Mais do que um pensamento estruturalista e compartimentarista do saber, com teor normativo, essa pesquisa aponta para as Epistemologias do Sul (SANTOS, 2018a, 2018b) como propostas de construção dos saberes a partir das vivências, pelas observações das idiossincrasias, tal como se colocam na vida.

Dando espaço às vozes indígenas manifestadas por uma linguagem predominantemente imagética (característica desse ambiente digital), este texto científico procura associar os temas contemporâneos às sensibilizações e pautas que despertam o interesse dos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Processos Imagéticos. Como objetivo geral, então, aponta-se: analisar as autonarrativas midiaticizadas de jovens urbanos sobre identidade indígena na contemporaneidade a

⁴ Tais como as veiculadas nos seguintes sites noticiosos: <https://apublica.org/2020/05/com-bolsonaro-fazendas-foram-certificadas-de-maneira-irregular-em-terras-indigenas-na-amazonia/> e <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/bolsonaro-volta-a-defender-mineracao-em-terras-indigenas,cfd46e49ba9a38af608b8031f5b350ecgmd60993.html> . Acesso em 21 de março de 2022.



partir de perfis no Instagram. Deste derivam os objetivos específicos: a) Identificar as estratégias de autonarrativas entre jovens indígenas urbanos sobre identidade e origens étnicas no Instagram; b) Analisar os conteúdos midiáticos em autonarrativas sobre identidade indígena entre jovens na contemporaneidade; c) Descrever e atualizar as potencialidades identitárias por práticas autonarrativas midiáticas de jovens urbanos de etnia indígena.

Metodologia

Nosso *corpus* de análise é constituído por perfis, na plataforma digital Instagram, de jovens indígenas em contexto urbano. Esses jovens, entre 22 e 36 anos, utilizam de mídias sociais digitais para compartilhar suas experiências pessoais e conteúdos a eles sensíveis. Observando o perfil de 4 jovens, representantes de três etnias indígenas – Moara é Tupinambá; Julie Dorrico é Macuxi; Wescritor é Tupinambá de Olivença; Gustavo Caboco é Wapixana –, procuramos compreender como se dá o processo de autoafirmação identitária em um meio midiático tão popular entre representantes dessa faixa etária.

O Instagram é uma rede social que permite o compartilhamento de fotos e vídeos de maneira instantânea, e que possui cerca de 800 milhões de usuários no mundo. No Brasil⁵, é a terceira rede social mais utilizada e apresenta crescimento de 5% por trimestre. É uma plataforma que possibilita a conectividade de maneira simples e intuitiva. Para estudar esse ambiente digital, fizemos uso de metodologias como os Estudos de Redes Sociais e Análise Etnográfica (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Sobre os conteúdos postados na plataforma, nos organizamos metodologicamente a partir da Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 2002) e Análise do Conteúdo (FRANCO, 2005), além de análise de imagens (BAUER; GASKEL, 2008).

O procedimento metodológico consistiu na delimitação de um período de análise coincidente entre os quatro perfis: de janeiro a julho de 2020. As publicações formam coleções temáticas, com categorias de análise que emergem do encontro entre os pesquisadores e o objeto, tal como preconiza a epistemologia da Complexidade (MORIN, 1997, 2000, 2005). A partir de percursos, leituras e do próprio processo de

⁵ Conforme notícias divulgadas pelos sites Canaltech e Apptuts, disponíveis em <https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-bate-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-ativos-116344/> e <https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017/>. Acesso em 21 de março de 2022.



composição dessas coleções temáticas das postagens, foram aplicadas as análise discursiva e de conteúdo para fazer ver no objeto empírico suas características, suas relações e suas subjetividades.

A seguir, foram propostas categorias analíticas que se constituem da sensibilização do pesquisador no encontro com o objeto empírico e são utilizadas para agrupar e formar coleções de postagens e conteúdos midiáticos extraídos dos perfis de jovens indígenas no Instagram. Essa categorização auxilia a visualização de recorrências e repetições, afinidades e dissonâncias entre as publicações, assim como entre os perfis, permitindo uma leitura ampla e relacional sobre o objeto empírico.

Partimos das contribuições de Stuart Hall (2006) para constituir os processos de identificação, tal como o autor propõe:

A identidade torna-se uma “celebração do móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 12-13)

As categorias de processos de identificação propostas, então, foram: o feminino, a sexualidade, o artístico, o religioso, a etnicidade. Nelas são agrupadas as postagens que, segundo o autor, reúnem temáticas e conteúdos próximos. Ainda que algumas postagens pudessem ser enquadradas em mais de uma categoria, buscamos dar prioridade àquelas características mais evidentes aos olhos do autor para um enquadramento único.

Processos de Identificação: Feminino

O papel social da mulher e do feminino têm sofrido transformações ao longo do tempo, no encontro entre as múltiplas culturas presentes em um território. Migram de funções confinadas ao espaço doméstico, para um vasto mundo de oportunidades no espaço político, na educação, na família, na cultura, na sociedade de modo geral. Essa transição não é pacífica, muito menos imediata. Ela é violenta, árdua e processo contínuo. Suas raízes estão no pensamento colonialista: “é todo sistema de naturalização das relações de dominação e de subordinação baseadas em diferenças étnicas e raciais” (SANTOS, 2018b, p. 251).



Ainda que o patriarcado marque a hierarquia social de várias etnias, a figura do homem branco “colonizador” parece impor uma “centralidade” opressora sobre os povos indígenas, em especial as mulheres. Não raro, os povos indígenas – também chamados de povos originários – são tomados como “não civilizados”, “atrasados” ou “subdesenvolvidos”. Essas adjetivações, explícitas em documentos e registros históricos, ou implícitas em discursos e imaginários populares, se constroem historicamente pela força e reverberação midiática desses estereótipos que atendem aos interesses do capital, da visão de mundo exploratória e da percepção de que a natureza “serve ao homem”, tal como as leituras fundamentalistas do Velho Testamento influenciam até os dias atuais as concepções cristãs de relação entre o homem e a fauna/flora, por exemplo.

Os indígenas, por sua relação diferenciada e íntima com a natureza, são tomados neste imaginário como uma extensão dos recursos naturais, tal como os animais, e por consequência “submetidos à civilização” do homem branco. Essa visão eurocêntrica perdurou por séculos e se manifesta ainda nos dias atuais pelas relações de poder e processos identitários na pós-modernidade.

Simone de Beauvoir (1949) afirma que a luta das mulheres é parte de uma luta de classes, ou seja, essa liberdade a qual as mulheres almejam deve se estender para todas as mulheres, independentemente de suas condicionais econômicas ou sociais. Porém, aponta isto como uma fraqueza do feminismo, pois muitas vezes a condição burguesa se sobrepõem à condição de mulher.

Essas fraquezas do feminismo têm suas causas nas dissensões intestinas; em verdade, como já se disse, as mulheres não são solidárias enquanto sexo; acham-se primeiramente ligadas à sua classe; os interesses das burguesas e os das mulheres proletárias não coincidem. (BEAUVOIR, 1949, p. 158-159)

Ela também acrescenta que os homens podem transitar em diferentes papéis durante suas vidas e as mulheres são condicionadas a seguir um caminho de submissão, por conta de suas “limitações”.

Há mulheres indígenas que não se sentem representadas nas pautas feministas porque este movimento, em seu surgimento, não teve a atenção de acolher, debater e dar espaço às mulheres que não eram brancas e estavam em contextos diferentes. Hoje, mesmo com a existência do feminismo interseccional, as mulheres indígenas ainda se sentem em terreno infértil, pois existem feministas que priorizam determinadas pautas



e esquecem as diferentes situações que se encontram essas mulheres. Desta forma, as movimentações feministas que surgem entre as indígenas, abraçam com mais força este coletivo específico pois sentem mais segurança e representatividade.

As mulheres indígenas se unem para conquistar sua autonomia na sociedade, lutam pelas posições de liderança dentro e fora de sua cultura e, por meio da representatividade, encorajam outras mulheres e meninas indígenas a conquistarem as posições que desejam. Em uma entrevista ao *Catraca Livre*, Márcia Wayna fala sobre a mulher indígena e suas performances:

A mulher indígena, em séculos passados, era vista como a geradora, que cuidava dos filhos e afazeres domésticos, e também era a guardiã dos mitos e das lendas. Mas havia um grau de invisibilidade de outros indivíduos com relação à presença da mulher indígena em decisões que envolviam a luta dos povos. Hoje, esse quadro começa a mudar, e a indígena reaparece com mais participação nas decisões coletivas. Ela é de luta e está resistindo. Agora nós temos mulheres caciques e mulheres na liderança de vários segmentos. No entanto, as formas de violência são várias e gritantes. A primeira violência que a mulher indígena sofre é ver o seu povo sofrer. A segunda, ser tratada com preconceito e racismo. E a terceira vem por ela ser “alvo fácil” de pessoas que querem ocupar aquele pedaço de terra e usam a mulher como se fosse uma forma de “dar um recado” para o cacique ou para a liderança maior. (WAYNA, 2017)⁶

Nas mãos da colonização, a mulher indígena sofre inúmeras violências, desde a inferiorização de seus corpos e mentes até a sua violação, atos que se perpetuam até os dias atuais. Quando falamos aqui de colonização, admitimos que a perspectiva eurocêntrica, com olhar de deslumbramento e exotismo sobre a cultura e as etnias indígenas, permanece viva e resultando nessas relações descritas em plena terceira década do século XXI. A categoria do feminino, aqui descrita e contextualizada, nos ajuda a visualizar as bandeiras e ações presentes nas autonarrativas de mulheres indígenas no Instagram.

Processos de identificação: Sexualidade

Falar sobre LGBTfobia no Brasil e LGBTfobia contra os indígenas é apontar um mesmo problema: a colonização. O impacto da colonização na construção da identidade dos povos indígenas é algo presente em todos os debates, uma vez que a forma em que viviam foi deturpada para que coubesse nos moldes do opressor. A

⁶ <https://catracalivre.com.br/cidadania/poeta-indigena-que-luta-pelos-direitos-da-mulher-nas-aldeias/>. Acesso em 21 de março de 2022.



questão da catequização dos povos indígenas pelos colonizadores é um contribuinte para a cultura da homofobia, pois antes o que não era considerado algo maléfico, e sim natural, começou a ser associado às coisas negativas (pecado), de acordo com os preceitos da religião imposta. No Brasil, o primeiro caso de homicídio por homofobia foi contra um indígena na época da colonização, como afirma Katú Mirin⁷ no podcast *Poc de Cultura*⁸, que retrata, justamente, a vivência LGBTQIA+ pelos indígenas. E nesta conversa, Katú Mirin, expõe seu lugar de fala:

Temos no Brasil 305 povos. Cada povo é uma coisa... A gente não pode esquecer daquele povo que tem a igreja, que a igreja chegou lá. Tem muitos povos que são homofóbicos, eu conheço muitas histórias de gente que falam (sic): "Não! meu povo nunca teve"... Não, foi a igreja que estava falando para você que nunca teve. Então, eu falo a partir do meu recorte, das pessoas que eu convivo: é super tranquilo... Então, para eles, eu sou Katú. Eu não estou... Eu não estou nada, na verdade. Eu não sou alguma coisa... Para nós, da cultura indígena, toda a gente não é nada, porque a natureza é alguma coisa, a gente aprende que está em movimento... (...) a nossa base, a nossa raiz, por ser um povo que aprende com a natureza e a natureza se mostra, nós temos animais que mudam o sexo biológico, nós temos a natureza que transmuta, então o povo que está de frente com a natureza é um povo que nunca teve preconceito de nada, é um povo que aprendeu a ter preconceito, então a gente tá (sic) decolonizando a mente de novo... (MIRIN, 2019)

No artigo de Carmen Lúcia Silva Lima (2020), a autora comenta sobre o livro “Existe índio gay?” (2017) e as ideias do antropólogo Estevão Fernandes a respeito da imposição de um constructo de heteronormatividade dos colonizadores europeus imposto sobre os povos indígenas na América Latina:

A obra considera as práticas de vários povos indígenas no Brasil desde a colonização, que foram associadas ao pecado, vício e patologia. O avanço do empreendimento colonial representou a imposição da visão de mundo religiosa, filosófica e científica, que impôs o sistema moral que estruturava a sociedade colonizadora. Isto importou no esvaziamento da identidade, na medida em que ensinou aos indígenas que sua cultura era indesejada, sua sociedade representava o atraso, seus afetos eram errados, o amor por eles praticado era pervertido e a sua religião era desprovida de fé. Foi, portanto, uma ação de disciplinamento que visava enquadrar no padrão e heterossexual (sic) do colonizador. (LIMA, 2020, p. 380)

⁷ Katu Mirin é reconhecida por expressar sua vivência indígena através do rap e por seu ativismo nesta causa.

⁸https://open.spotify.com/episode/49IMHnTGE3WgQVRCyXcBRR?si=tLxJNbFTQoia_XVK27KfQ&utm_source=copy-link. Acesso em 21 de março de 2022.



Quando estes indígenas chegam em um contexto urbano, a discriminação que vivem, ou não, dentro de suas comunidades (sob influência do eurocentrismo cristão do século XVI) aumenta, pois seus corpos LGBTQ+ também são corpos indígenas, e o afeto em público se torna uma realidade regulada, silenciada, alvo de violência.

Processos de identificação: Artístico

A arte estabelece um importante papel na questão da construção identitária, na posição social e na expressão individual dos sujeitos, além de ser uma ferramenta que promove representatividade e empatia. Ela é presente em todas as culturas, seja pelos desenhos, pelas canções, pelas danças, comidas, entre outras tantas manifestações, demonstrando um aspecto de coletividade e de individualidade simultaneamente, além de ser atemporal.

No artigo acerca do problema da definição de arte, de Adilson Koslowski (2013), podemos acessar percepções que embasam a teoria sobre o campo:

Para a teoria da expressão, a arte é algo feito pelo homem e expressa as emoções. A teoria da expressão de Tolstoi sustenta (pelo menos certa leitura da teoria) que a arte é algo feito pelo homem e expressa as emoções do artista. Além disso, a arte reproduz as mesmas emoções no público que as aprecia. (...) A teoria da expressão de Collingwood é tida geralmente como mais sofisticada do que a de Tolstoi. (...) Collingwood sustenta que a arte é algo feito pelo ser humano e exprime sentimentos do artista individuado, esclarecido, articulado, transformado. Além disso, evoca os mesmos sentimentos no público, ampliando assim a consciência. A teoria de Collingwood distingue uma emoção especial que o artista consegue despertar na assistência. É uma emoção enriquecida de amplitude que os fatos concretos não conseguem transmitir. Assim, quem lê *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, não apenas revive a emoção de amor, mas também vive afetivamente algo do amor em si. (KOSLOWSKI, 2013, p. 03)

A arte se torna uma forte ponte de comunicação e, para as diferentes comunidades indígenas, a arte é a identidade, o sustento, a forma de perpetuar a sua cultura, a sua religião e seus valores. Nos grafismos encontramos inúmeros significados e sentimentos, no artesanato, nas canções, nos cozimentos de seus alimentos, tudo isso expressa a arte e a identidade de determinada comunidade. A ligação com a ancestralidade e o sentido de pertencimento são também elementos que emergem das análises realizadas sobre as publicações dos jovens indígenas vivendo em ambientes urbanos.



Processos de identificação: Religioso

O fato de apresentarem o folclore como intrínseco às religiões de diferentes povos indígenas faz com que essa relação seja uma ferramenta de deslegitimação da crença de cada povo. Colocar esses seres divinos como lendas e mitos desrespeita a fé e a existência, uma vez que os termos são utilizados para designar coisas não-reais. A religião cristã se impôs, pela força e pela insistência do homem branco europeu, como a única viável, aceitável e carregada de sentido civilizatório. O apagamento e a negação da cosmogonia e da religiosidade indígena, em suas diferentes manifestações, se coloca como prática até a terceira década do século XXI, com missões religiosas que levam ajuda humanitária a esses povos e carregam, na bagagem, o ideário catequisador.

Folclore foi uma termologia criada por William John Thom, no século XIX, para designar o conhecimento popular, informação descrita na morfologia da palavra Folk (povo) e Lore (conhecimento)⁹. Entretanto, o processo de folclorização no Brasil carrega um contexto diferente, uma vez que ocorre uma apropriação das crenças indígenas. Esse processo aciona a deslegitimação dessas crenças. O perfil @munihin_, da professora de sociologia na plataforma Twitter¹⁰ abordou essa temática de forma didática:

Isso é importante de ser pontuado, porque a mentalidade colonial produziu essa ideia do "índio" estático, preso no passado, enquanto suas espiritualidades não passavam de "lendas" e "mitos" - e também relegadas ao passado. Então, as histórias e narrativas sobre as espiritualidades indígenas que resistiam aos processos da colonização foram tratadas como "lendas"/"mitos", no sentido da falseabilidade e também do descrédito, deslegitimação e desmoralização de nossas espiritualidades, uma vez que a hegemonia religiosa era, e ainda é, cristã. É também nesse contexto de uma estagnação no passado que os intelectuais [e os eugenistas] usurparam essas histórias e narrativas de sabedorias indígenas ancestrais, e as apropriaram (no sentido de tomarem para si, mas no caso: para os brasileiros) para forjar a homogênea "cultura nacional brasileira". Nesse sentido, o indianismo e os estudos culturalistas são grandes responsáveis [principalmente o primeiro] por formalizarem essa transformação das espiritualidades indígenas em folclore nacional, ao produzirem suas próprias invenções sobre nossas culturas, como por exemplo, Macunaíma de Mário Andrade. (TWITTER, 2022)

⁹ <https://www.infoescola.com/folclore/folclore-sobre-a-etimologia/>. Acesso em 21 de março de 2022.

¹⁰ https://twitter.com/munihin_/status/1348116136404123648?s=19. Acesso em 21 de março de 2022.



Em sua publicação ela aponta a vinda dos jesuítas como um marco inicial ao processo de colonização, os quais usaram de vários dispositivos para a implementação de um ponto-de-vista eurocêntrico, como por exemplo as escolas, o teatro, entre outros citados. Ela responde à pergunta, "Mas, afinal, quais os problemas da folclorização?" com 5 pontos, a partir do lugar de fala dos povos indígenas. O primeiro é "Epistemicídio e negação de nossas epistemologias"; o segundo "Esvaziamento de nossas espiritualidades"; o terceiro a "Falsa ideia de posse sobre nossas culturas e nossos sagrados por parte de não-indígenas"; o quarto a "Coisificação de nossas espiritualidades"; e por último o "Etnocídio e negação de nossas existências na atualidade".

Na dissertação "*Nós somos Wapixana*¹¹: educação, política e protagonismo indígena (1979-2014)", de Laiana Pereira dos Santos (2016), a autora pontua fatores que foram impactantes para a concepção de que os Wapixana da República Cooperativista da Guiana são mais "tradicionais" do que os Wapixana que vivem no Brasil:

É importante considerar o fato de os Wapixana do lado brasileiro estarem localizados na região dos rios navegáveis, facilitando o contato. Já os de difícil acesso reduzem a apropriação de outros costumes, ainda assim não deixando o índio Wapixana brasileiro menos índio do que o Wapixana guianense.

Os Wapixana do lado brasileiro, assim como os Macuxi, foram submetidos aos aldeamentos portugueses no mesmo fluxo temporal, no século XVIII, de modo que foram submetidos ao trabalho escravo no Forte São Joaquim, onde a presença indígena era exclusivamente para a mão de obra na construção e manutenção do mesmo. Além do forte São Joaquim, foram construídos um internato, igrejas e escolas nas comunidades indígenas, que serviram como palco para uma intensa e longa transformação na identidade desses povos indígenas, uma vez que ficaram sob responsabilidade ora da igreja católica ora do estado. (SANTOS, 2016, p. 24)

Neste trecho podemos notar como a catequização, fruto da colonização, foi um fator essencial para a transformação da cultura indígena, uma vez que demonstra as formas de "catequização" da identidade do Wapixana no Brasil. A religião introduzida na colonização mudou a forma como algumas comunidades indígenas se viam, como viam seus semelhantes e seus "encantados". Tais impactos variam de comunidade para comunidade, dependendo da posição geográfica, do contato com o colonizador, da

¹¹ Disponível em <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5713> . Acesso em 21 de março de 2022.



longevidade de sua população, já que necessitam dos mais velhos para que o conhecimento flua, entre outros fatores.

A relação entre as comunidades indígenas e a religião se tece de maneira diversa, uma vez que os povos indígenas não são um único povo e possuem uma única cultura, como tentam constituir no imaginário os discursos de uma “identidade nacional” (HALL, 2006). Os indígenas são diversos e cada comunidade vive de acordo com os ensinamentos de sua etnia e também de acordo com o impacto das ideias do colonizador nestas culturas.

Processos de identificação: Etnicidade

Os laços familiares (que na cultura indígena transcendem a relação consanguínea para associarem ao sentimento de pertença à etnia) e de ancestralidade constituem importante traço cultural de preservação dos processos de identificação dos povos originários. Esses processos de identificação estão associados às ritualísticas, aos elementos ambientais, de sociabilidade e religiosidade, entre outros fatores. A busca por preservar e cultuar os elementos étnicos se mostra, em certos momentos, como um ato de resistência aos processos de aculturação branco, “civilizatório” e cristão impostos historicamente sobre os povos indígenas.

No plano discursivo, esses discursos de resgate/preservação étnica podem ser lidos como manifestações de resistência ao apagamento proposto pelo “teto-social” (HALL, 2006) imposto historicamente pelos governos brasileiros. Ele parece entrar em consonância com o que Mbembe (2018) aponta como essência da necropolítica em seu ensaio. Para o filósofo:

O biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico - do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”. (MBEMBE, 2018, p. 128)

Mbembe (2018) aponta que esse racismo, ampliado para questões e parâmetros econômicos na contemporaneidade, se faz presente através da prática e do discurso político que autoriza e/ou é condescendente com as máquinas de morte implementadas contra o Outro.



Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte. Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer”. (MBEMBE, 2018, p. 128)

Outro ponto a ser analisado é: os povos indígenas não são uma única comunidade, ou seja, variam nos costumes, nos valores, nas crenças, nas artes e em muitos outros aspectos. Assim, para falar sobre construção identitária de jovens indígenas é necessária uma análise da comunidade em que vivem e como aprendem e demonstram esse aprendizado. As personalidades e suas performances midiáticas, que são analisados neste presente estudo científico possuem diferentes raízes étnicas.

Análise dos dados e reflexão crítica

Foram analisadas 107 postagens no Instagram, sendo destas: 45 postagens de Moara Tupinambá, 18 postagens de Gustavo, 9 de Wescritor (Wesley) e 35 Julie Dorrico. As manifestações, no plano do conteúdo, mesclaram imagens e textos (legenda), tal como a plataforma permite. Poucas utilizaram o recurso de marcação (#hashtags) que permite a rastreabilidade dos conteúdos na plataforma. Na pesquisa, não foram contabilizadas as manifestações dos usuários, mas a intencionalidade dos produtores de conteúdo.

Nas publicações do perfil de Gustavo, foram identificados elementos que conversam com a sua identidade, sua história e etnia por meio da arte, ferramenta de expressão muito presente nas narrativas de si. A ancestralidade também se mostrou evidente nos conteúdos midiáticos, onde o jovem relata experiências, memórias e sentimentos em relação à vida na tribo nas legendas que acompanham as imagens.

Ao todo foram analisadas 18 publicações realizadas no perfil @gustavo.caboco no período entre 05/01/2020 e 13/03/2020. Destas, pode-se observar que o aspecto artístico é enfatizado, construindo uma imagem de artista indígena dos jovens a partir da narrativa de si, imagética e textual (legendas que acompanham as imagens), ocupando espaços da sociedade civil organizada com sua arte plástica indígena, demonstrando assim um traço de resistência e luta (no reconhecimento das organizações / instituições pela validade e valor da arte dos povos originários).

**Figura 1** – Postagem da categoria Arte

Fonte: captura de tela realizada do perfil @gustavo.caboco ¹²no Instagram (2020)

Nas publicações de @wescritor, a relação com sua família aparece nas suas músicas e nas artes plásticas, evidenciando traços de resgate/memória e afeto com a etnia e a cultura de seu povo. Nesse perfil foram analisadas 4 publicações de janeiro a março de 2020. Dentro das postagens foram identificados dois eixos narrativos predominantes: a relação familiar e o aspecto artístico dos processos de identificação do autor. Ainda que a cultura indígena seja predominantemente transmitida pela forma oralizada, a performance artística do jovem autor do perfil se dá no âmbito da literatura. Essa literatura ocupa não apenas os livros (espaço analógico) como também as legendas e registros imagéticos no perfil da plataforma digital. Mais uma vez, podemos observar a dualidade sobre as ações registradas: ao mesmo tempo em que a ocupação de um “espaço cultural” tradicionalmente associado à cultura e erudição do homem branco, ocidental e capitalista demonstra uma ampliação e adaptação da cultura indígena, que se “espalha” e alcança outras culturas, há também o aspecto de alfabetização digital e acoplamento tecnológico que se manifesta na desenvoltura e performance do autor no Instagram.

Julie Dorrico, publicou sobre a produção de contos fictícios derivados dos conhecimentos e experiências da autora, incluindo seu período vivendo junto à tribo. No perfil de @juliedorrico foram analisadas 10 publicações entre 3 de janeiro de 2020

¹² Disponível em <https://www.instagram.com/p/B9m92dXlJro/> . Acesso em 21 de março de 2022.



a 29 de fevereiro de 2020. Durante o período analisado, foi possível observar a predominância do aspecto artístico em seu conteúdo. O uso de mídias sociais digitais por uma jovem artista indígena demonstra, de forma tangencial, que há um entendimento sobre a relevância da ocupação desses espaços midiáticos para ampliar o alcance de sua mensagem artística.

No perfil @moaratupinamba foram analisadas 44 publicações no período entre 01/01/2020 e 26/03/2020. Destas, há uma predominância também sobre os conteúdos vinculados ao papel da artista indígena na sociedade e sua obra. Outra pauta importante é a feminina e suas lutas, bem como na articulação em rede com outros artistas (divulgação de trabalhos de outros autores).

Figura 2 – Postagem de Moara



Fonte: captura de tela realizada do perfil @moaratupinambá¹³ no Instagram (2020)

Moara, em sua série de colagens, trata sobre seu sentimento de reconexão, de reconhecimento, uma vez que a legenda descreve o processo de criação em um momento de reencontro com sua feminilidade indígena com Pachamama. Gustavo destaca elementos de sua história de vida na fase tribalizada, como a banana, representando o que era abundante para um povo indígena de sua etnia e que depois se tornou raro em seu cotidiano (dado o valor e escassez da fruta em árvores no ambiente urbano). Ele reforça esses elementos em suas artes como uma forma de traçar um ponto de início ou isso que chamamos de retomada da relação com a ancestralidade.

As imagens apresentaram traços culturais típicos de cada etnia indígena a que estes jovens se vinculam. Esses traços puderam ser identificados pelas vestimentas, rituais, pinturas, espaços e localidades registrados, entre outros.

¹³ Disponível em https://www.instagram.com/p/B76OEoSnCWH/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em 21 de março de 2022.



As fotografias parecem obedecer a um “padrão” de imagens vigentes e/ou aceitas na plataforma (que exclui imagens onde apareçam mamilos, considerados ofensivos pela política do Instagram, por exemplo). Essas performances midiáticas (mídiações) demonstram, por meio desses detalhes e nuances, o acoplamento tecnológico que se dá não apenas pelo uso, mas pela apropriação e adoção de tais regramentos e padrões comportamentais orientando as ações de produção de conteúdo na plataforma.

Figura 3 – Postagem da categoria Arte



Fonte: captura de tela realizada por autoria do perfil @gustavo.caboco¹⁴ no Instagram (2020)

A arte se apresentou durante as análises como uma potente ferramenta de expressão, onde é possível ver um exercício de representatividade, de autoconhecimento, de conexão ancestral e expressão da vivência indígena nos conteúdos postados.

Considerações provisórias

Este texto deriva da investigação desenvolvida em Projeto de Iniciação Científica por duas estudantes de Jornalismo e faz parte de um Projeto de Pesquisa institucionalizado na UFAM, sob orientação e execução do docente que assina esse texto. Não há pretensão de encerrar o assunto aqui, mas, pelo contrário, iniciar aproximações ao objeto empírico *Imagens Amazônicas*.

Das análises empregadas sobre os perfis do Instagram aqui descritos, pode-se inferir que os jovens componentes dessa pesquisa, que vivem em contexto urbano, passam por uma retomada de suas ancestralidades a partir da inserção de elementos

¹⁴ Disponível em <https://www.instagram.com/p/B9gwtmXFPWB/>. Acesso em 21 de março de 2022.



visuais e textuais relacionados direta ou indiretamente com as etnias e traços culturais regionais. Essa retomada é marcada pelo embate promovido a partir de suas trajetórias de vida, com distanciamentos e “apagamentos” de suas identidades indígenas em nome de uma identidade sob o “teto-político” nacional (HALL, 2006). Por consequência disso, os conflitos e os processos de retomada são cada vez mais marcantes entre as gerações que se sucedem no contexto urbano de identidades indígenas. A memória coletiva e a etnicidade, em constante retomada na subjetividade dos sujeitos analisados a partir das narrativas midiaticizadas, se tornam elementos importantes para o autoconhecimento e de processos identitários indígena contemporâneos, em especial àqueles relacionados ao contradiscurso hegemônico. Exemplos são encontrados nas autonarrativas identificadas com discursos feministas, de autoafirmação a partir da sexualidade e/ou de luta pelo reconhecimento artístico de suas produções.

No caso dos jovens analisados, a busca por um resgate ou preservação das raízes identitárias indígenas se dá por meio das postagens, dos conteúdos curados, selecionados, preparados para compor as coleções de imagens e textos que “alimentam” os perfis digitais nessas plataformas. Ainda que as performances se deem de maneira diversa entre eles, e que alguns não manifestem uma adesão completa às diretrizes, normas e potencialidades (algorítmicas) do Instagram para aumentarem o alcance de divulgação dos seus conteúdos (como o não uso de *hashtags*), é possível interpretar esse uso também como uma forma de resistência à programação escondida na “caixa preta” e nos algoritmos (FLUSSER, 1985; ARAÚJO; MAGALHÃES, 2018) das plataformas e aplicativos em artefatos da cultura digital.

Assim, procedemos a retomada dos objetivos desse artigo. As estratégias de autonarrativas entre jovens indígenas urbanos sobre identidade e origens étnicas no Instagram demonstram um aspecto de resgate e preservação, resistência e luta por visibilidade e reconhecimento entre seus pares e também da sociedade presente na plataforma. Os conteúdos midiaticizados em narrativas de si sobre identidade indígena postados por jovens que compõem essa pesquisa no Instagram são carregados de elementos que remetem à etnia (desenhos, rituais, valores) e ao território (ex: banana como elemento imagético e cultural). Outro traço significativo da análise é a recorrência de afirmação da cultura indígena como válida, visível e de resistência, incluindo o aspecto ativista e performático dos autores artistas. Como potencialidades identitárias por práticas autonarrativas midiaticizadas de jovens urbanos de etnia indígena, percebemos a validade de estudos mais aprofundados, que estratifiquem de



forma diferente, mais ampla e complexa o universo pesquisado para, a partir das subjetividades, identificar o quanto esses jovens são conscientes de suas atuações no ambiente digital e quais seus desafios nas práticas de mídiatização cultural.

O artigo aqui apresentado procura demonstrar como se dão as atualizações sobre a questão indígena e seus processos de identificação, a partir do estudo sobre comunicação imagética por meio de televisualidades (visualidades e visibilidades à distância) em múltiplas telas. Em parte, esse texto foi apresentado ao Grupo de Televisão e Televisualidades no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), em 2021, incorporando, a partir das discussões estabelecidas, contribuições e reflexões teóricas.

Referências

ARAÚJO, Willian Fernandes de; MAGALHÃES, João Carlos. Eu, eu mesmo e o algoritmo: como usuários do Twitter falam sobre o “algoritmo” para performar a si mesmos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 27., 2018, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2018/papers/eu--eu-mesmo-e-o-algoritmo--como-usuarios-do-twitter-falam-sobre-o---algoritmo---para-performar-a-si-mesmos#>. Acesso em: 21 mar. 2022.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1949. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/viewFile/5243/1788>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CARDOSO FILHO, Jorge. Inflexões metodológicas para a teoria do uso social dos meios e processos de mídiatização. In MATTOS, Maria Ângela; JUNIOR, Jeder Janotti; JACKS, Nilda. *Mediação & Mídiatização*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em <https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: HUCITEC, 1985.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise do conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



- HOLMER, Adriana Maria Steffen. O papel da imagem e do imaginário pós-moderno. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 5., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/141159346577403820907402009081892813707.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.
- KOSLOWKI, Adilson. Acerca do problema da definição de arte. Local. **Revista Húmus**, on-line, v. 3, n. 8, p. 1-8, 2013. Disponível em: <http://www.periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1675>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- LIMA, Carmen Lúcia Silva. FERNANDES, Estevão R. “Existe índio gay?”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil. Curitiba: Editora Prismas, 2017. 245p. **Anuário Antropológico**, [s. l.], v. 44, n. 2, p. 379–382, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/33454>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Trad. de Renata Santini. 3. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- MIRIN, Katú. LGBTQIA+ Indígenas. In Poc de Cultura, online, 2019. Disponível em https://open.spotify.com/episode/49IMHnTGE3WgQVRCyXcBRR?si=tLxJNbFTQoia_XVK27KFtQ&utm_source=copy-link&nd=1. Acesso em: 21 mar. 2022.
- MONTEIRO, Melissa Gomes. **Outros olhares sobre a questão indígena na amazônia**: Cultura e identidade na realidade dos índios na cidade. Revista Em Debate, on-line, n. 3, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=9320@1>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX** – o espírito do tempo. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- RESENDE, Ana Catarina Zema de. **Direitos e Autonomia Indígena no Brasil (1960 – 2010)**: uma análise histórica à luz da teoria do sistema-mundo e do pensamento decolonial. 2014. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas - Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17769/1/2014_AnaCatarinaZemaDeResende.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as epistemologias do Sul**. V. 1. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018a.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as epistemologias do sul**: antologia essencial – para um pensamento alternativo de alternativas. V.2. Buenos Aires: CLACSO, 2018b.



SANTOS, Boaventura de Sousa. **Derechos humanos, democracia y desarrollo**. Bogotá: Centro de estudios de derechos, justicia y sociedad, dejusticia, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Ediciones Trilce, 2010.

SANTOS, Laiana Pereira dos. “**Nós somos Wapixana**”: educação, política e protagonismo indígena (1979-2014). 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5713>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SOUZA, Esdras Oliveira de e ASSIS, Kleyson Rosário. O afrofuturismo como dispositivo na construção de uma proposta educativa antirracista. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 64-74, jan./dez. 2019. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3009>. Acesso em: 27 abr. 2021.

WAYNA, Márcia. Poeta indígena que luta pelos direitos das mulheres nas aldeias. Entrevista cedida a Eloísa Aun. **Catraca Livre**, on-line. 18 abr. 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/poeta-indigena-que-luta-pelos-direitos-da-mulher-nas-aldeias/>. Acesso em: 12 mar. 2021

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.